

CAMILLE CARDOSO
camille.cardoso@an.com.br

Deitada de barriga para cima na maca, as mãos com unhas pintadas de vermelho segurando a barriga, Jheniffer Reis Cezarotto estava prestes a dar um grande passo em direção à vida adulta. Era meio da tarde de segunda-feira, dia 7 de dezembro. Os médicos já tinham assegurado que o primeiro filho da adolescente de 16 anos viria ao mundo naquela noite. Muito quieta e racional, como uma mulher das mais resolvidas seria, Jheniffer deixa transparecer ansiedade apenas pelo olhar. Conta que o bebê (André Kauê, nome sugerido por uma tia) é bem-vindo. "Nós já moramos juntos há um tempo. Faz um ano e dois meses mais ou menos", concorda Maicon Staggemeier, o guarda-vidas de 18 anos com quem Jheniffer mora na parte de trás da casa da mãe dele. Eles se conheceram do bairro. Jheniffer sempre ia ver Maicon jogar bola em Itapoá.

O Hospital Materno Infantil Jeser Amarante Faria faz, em média, um parto por dia em Joinville. Pouca gente sabe que o hospital também é maternidade, mas ele concentra, desde o início do ano, o atendimento às mães adolescentes da região. Os corredores iluminados, em geral, são tranquilos. Em dias mais agitados, há até três garotas aguardando para ver o rosto de seus bebês. Na segunda-feira, enquanto Jheniffer enfrentava as contrações – uma dor até então desconhecida – em outra sala uma jovem de 17 fazia um exame de ultrassom. O som dos corações dos gêmeos batendo ecoava pelos corredores. A mais jovem das meninas que já deram à luz no hospital tinha 11 anos. Mas a faixa etária mais comum é entre 16 e 17 anos.

Se a iniciativa do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA) e da Prefeitura de Joinville permanecer nos próximos anos, os prontuários do hospital poderão ajudar a continuar uma estatística. Os primeiros indicadores de gravidez na adolescência na cidade foram divulgados neste mês, com a publicação do 1º volume do Diagnóstico Social da Criança e do Adolescente de Joinville, que revela especialmente uma concentração no número de gestações precoces (o indicador é baseado no percentual de mulheres residentes no bairro, com idade de 12 a 17 anos, que tiveram filhos nascidos vivos) nos bairros mais distantes da área central da cidade.

Os dados do Sistema Único de Saúde (SUS) não revelam aumento no número de gravidez entre jovens na cidade. Ao contrário: de 2000 a 2008, o percentual de mulheres de até 19 anos que tiveram filhos vivos caiu de 17,4% do total para 15,4%. Só que o objetivo do diagnóstico é mostrar a realidade das mulheres de 12 a 17 anos, consideradas adolescentes pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (Eca). A expectativa é que o número nessa faixa etária tenha crescido, mas, pelo pioneirismo da pesquisa, faltam dados de

Jheniffer deu à luz um menino na segunda-feira. É o primeiro filho da adolescente de 16 anos com o companheiro Maicon, de 18 anos.

O NASCIMENTO.

Como ela, as jovens que passam pela experiência de uma gravidez dão um passo precoce para a vida adulta

UMA FAMÍLIA.

comparação. Dois fatores apontam de onde parte a sensação de que Joinville precisa pensar no assunto. Um deles é que os números se abrem quando são somados os casos de abortos e de garotas que deram à luz filhos que não sobreviveram. O outro é o atendimento crescente nas unidades de saúde.

Jheniffer não entra na estatística do Diagnóstico Social da Criança e do Adolescente de Joinville – ela é de Itapoá e está nos 5,57% de atendimentos de fora de Joinville prestados pelo Jeser Amarante. Mas a experiência dela é capaz de mostrar o que passa pela cabeça de uma adolescente que se torna mãe. A garota tinha ouvido histórias de amigas que tiveram filhos muito novas e que poderiam servir para acalmar o medo do parto. Uma das amigas, de 14 anos, disse a Jheniffer que o parto é rápido e dói muito pouco. Mas pouco antes de ter sua própria experiência, ela não parecia muito convencida.

Em vez de apenas segurar a mão do namorado, preferia também conversar com a equipe de reportagem. Estava impressionada com a dor das contrações e achava que a entrevista poderia ajudá-la a dispersar o pensamento. Alguma coisa lhe dizia que o parto não seria tão tranquilo quanto as quase 37 semanas de gravidez. As dores começaram fraquinhas pela manhã, mas pioraram conforme o tempo passava. "Está doendo agora. É como uma cólica muito forte. Imagina depois", comparou ela, antes do parto. Jheniffer gostou de estar grávida. Enjoava nos primeiros meses, a qualquer hora do dia. Sentia desejo de comer chocolate. Carregar um bebê para ela não é um peso: é parte natural da vida.

A conversa é interrompida. A médica pede para examinar a garota. Jheniffer atravessa o corredor, de camisola, arrastando o soro. De pé, parece muito mais jovem. Pode ser pela pouca altura, ou

pelos cabelos loiros queimados de sol, ou pela sandália de dedos cor-de-rosa.

As horas passam; às 19 horas, as contrações do útero de Jheniffer ficam mais rápidas e ela é levada à sala de cirurgia. O parto normal é rápido, não leva mais que 15 minutos. Com o rosto coberto de suor, ela ainda não consegue sorrir. Só que, ao ouvir o choro do bebê, a adolescente também faz cara de choro. Maicon é o primeiro a pegar o bebê de pouco mais de 2,5 quilos, que se espermeia. O pais fica quieto por um minuto, como que reconhecendo o filho joinvilense. Ao pegar André nos braços, Jheniffer também fica longos minutos olhando o rosto do filho. Ela diz que quer ter outros. "Mais um talvez, mas não agora, daqui a alguns anos. Menina ou menino, tanto faz. O que Deus mandar está bom, desde que tenha saúde", diz. Antes, a adolescente quer concluir a 8ª série do ensino fundamental para um dia completar o ensino médio.

A ESPERA.



Jheniffer com o filho André Kauê e o companheiro Maicon

Uma cidade, duas realidades

Por enquanto, o Diagnóstico Social da Criança e do Adolescente de Joinville mostrou que Joinville parece ser composta por duas cidades em diferentes indicadores, especialmente no de gravidez na adolescência. No bairro Santo Antônio, 0,35% das mulheres com filhos nascidos vivos tinham entre 12 e 17 anos em 2008. É 13,14 vezes menos que na Vila Cubatão, cujos 4,6% deixam longe a média da área urbana da cidade, que é de 1,89%. Pode ser coincidência, mas vários bairros com mais adolescentes grávidas também aparecem entre os que as mulheres tiveram menos acompanhamento pré-natal, por exemplo.

A coordenadora do estudo, Ermelinda Maria Januário, aponta que o diagnóstico é uma possibilidade de criar uma série histórica e assim acompanhar melhor a cidade. "Se formos comparar os dados de Joinville com os do resto do Brasil, e até da região Sul, é possível que estejamos muito melhores. Mas os problemas existem, e podem ser resolvidos. O estudo mostra que, em Joinville, é como se houvesse duas cidades, e uma desconhece a outra."

Diretor geral da maternidade Darcy Vargas, o obstetra Armando Pereira Dias Jr. também coordena o centro obstétrico do Hospital Materno Infantil Jeser Amarante Faria. Ele conta que a gravidez na adolescência é sempre considerada de risco. "O parto na adolescência é uma ocorrência que preocupa, por estar ligado à sexualidade. Apesar de haver fácil acesso à informação, os adolescentes não têm se protegido. Também há uma necessidade de mudar alguns conceitos nas cabeças das pessoas. Ouvi histórias de meninos de 13 anos que foram impedidos de pegar preservativos em postos de saúde. Disseram 'sai daqui, tu é muito novo'. É uma bobagem, porque nessa idade eles estão sim fazendo sexo", acredita.

Sexo sem proteção traz outras consequências negativas às mães. No Hospital Infantil, não raramente há meninas grávidas que também enfrentam doenças sexualmente transmissíveis. A mais comum é o papiloma vírus (o HPV), que causa verrugas na região genital. Dias Jr. também nota um comportamento-padrão nas adolescentes que procuram o hospital. Muitas vezes a gravidez de uma garota que ainda é menor de idade não é vista com estranheza no meio em que ela vive. "Muitas já moram com os namorados. Nas meninas que atendo em consultório, nas primeiras consultas, as mães vem junto com o casal. Depois, é apenas a menina e a mãe dela."

De janeiro a setembro deste ano, o Hospital Infantil prestou quase 1,45 mil atendimentos no centro obstétrico. Os bairros que mais procuram o setor praticamente repetem as informações do Diagnóstico Social da Criança e do Adolescente de Joinville. O Paranaguamirim responde por 9,86% dos atendimentos; o Jardim Paraíso, por 8,14%.

A ideia é que os sete volumes do Diagnóstico Social da Criança e do Adolescente apontem em que regiões de Joinville o governo precisa concentrar esforços. O primeiro volume desenha um mapa preliminar das áreas em que vivem as comunidades mais frágeis. No Paranaguamirim, quase 11% dos chefes de família têm menos de três anos de estudo. No Ulysses Guimarães, 2,35% das crianças com menos de sete anos já sofreram violência física. No Vila Cubatão, o terceiro bairro com mais casos de violência sexual contra menores de idade, 1,82% deles enfrentaram esse pesadelo. No Comasa, 13,3% dos adolescentes infratores são reincidentes. No Rio Bonito, 4,19% dos jovens com menos de 17 anos já foram negligenciados pelos pais.

A Secretaria Municipal de Assistência Social considera o diagnóstico um ponto de partida. "A partir dos dados, será realizado estudo técnico pelos profissionais da secretaria. Servirá como base para o planejamento das ações a serem desenvolvidas nos próximos anos", afirma Fabiana Cardozo, coordenadora do abrigo infanto-juvenil, serviço considerado de alta complexidade no município.

Segundo Fabiana, não houve muitas surpresas nos resultados dos indicadores. "A secretaria já vem desenvolvendo ações prioritárias nestas regiões", garante ela, que citou os bairros enumerados acima. O mapa dos bairros mais vulneráveis da cidade é considerado a principal meta de governo da secretária Rosemeri Costa. Mas em 2009, a secretaria não realizou mudanças significativas nas políticas públicas. Alega que o orçamento engessado empurrou o planejamento para 2010. A pesquisa até se chegar ao diagnóstico levou um ano e foi feita com recursos do Fundo da Infância e do Adolescente (FIA).

Uma jovem mãe por opção

AMANDA MIRANDA
amanda.miranda@an.com.br

futuro melhor para ele. Vamos dar um jeito sim”, explica Douglas.

Priscila Tuane Pinzergher, 17 anos, adepta dos cabelos longos, está com as madeixas curtinhas, estilo “maria-joão”, e seis quilos acima do peso. Mesmo assim, não reclama e não sofre com as mudanças no corpo. Hoje, ela é uma jovem mãe e só se preocupa com o bem-estar do filho recém-nascido, o pequeno Nicholas Matheus Florentino – a prioridade da sua vida.

Para a psicóloga Thais Gava, da Eccos, Organização não-governamental especializada em comunicação e sexualidade, é essencial discutir o papel do pai na gravidez de jovens. “Precisa trazer os meninos e os homens para essa discussão. Por que só a mulher? Eles precisam exercer essa paternidade de uma maneira mais próxima. São poucos os estudos que falam de pais jovens”, reflete.

Ao contrário do que ocorre com muitas adolescentes, ela e o marido, Douglas Florentino, planejaram o nascimento da criança. Há dois anos e meio eles moram juntos e decidiram que era hora de aumentar a família. O casal vive em uma casa na Vila Cubatão e se sustenta com a renda de Douglas. Priscila parou de estudar para cuidar do bebê.

A gravidez na juventude foi levada de uma forma tranquila pelo casal. Fora a queda do cabelo e os 15 quilos extras, Priscila reagiu bem ao parto normal, no Hospital Infantil. “Fiquei das 4 horas da manhã às 14h30, mas correu tudo bem. Não tive nenhum problema de saúde por ser jovem, nem o bebê”.

“Eu parei, mas no próximo ano vou voltar para a 7ª série”, conta, recebendo o apoio do marido, que também pretende retomar os estudos. “É claro que a gente estudando vai poder dar um

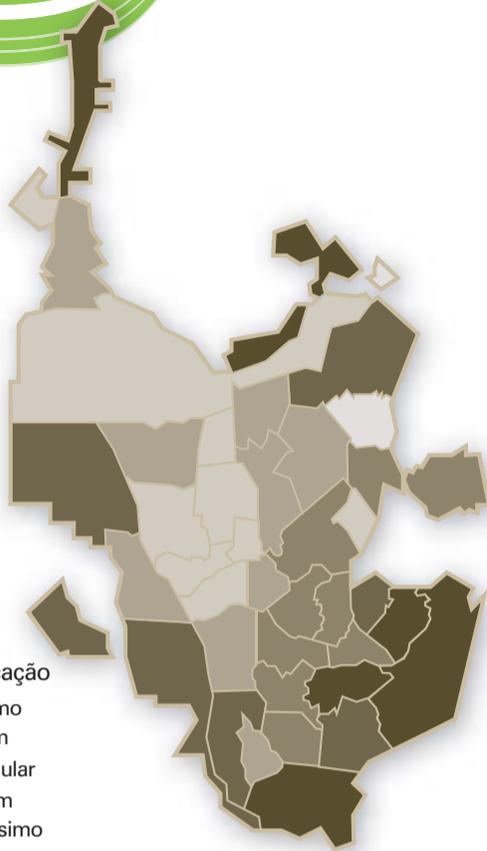
Agora, Priscila e Douglas pretendem esperar um longo período antes do próximo filho. “Por enquanto um está bom. A gente não imaginava que era tão difícil”, explica ela. “Achei bom ter agora, porque vou curtir a vida depois dos 30, quando o Nicholas já estiver grandinho.”

FOTOS JESSÉ GIOTTI

A GRAVIDEZ PRECOCE EM JOINVILLE

Confira o percentual de adolescentes, com idade entre 12 e 17 anos, que moram em cada bairro da cidade e tiveram filhos nascidos vivos em 2008.

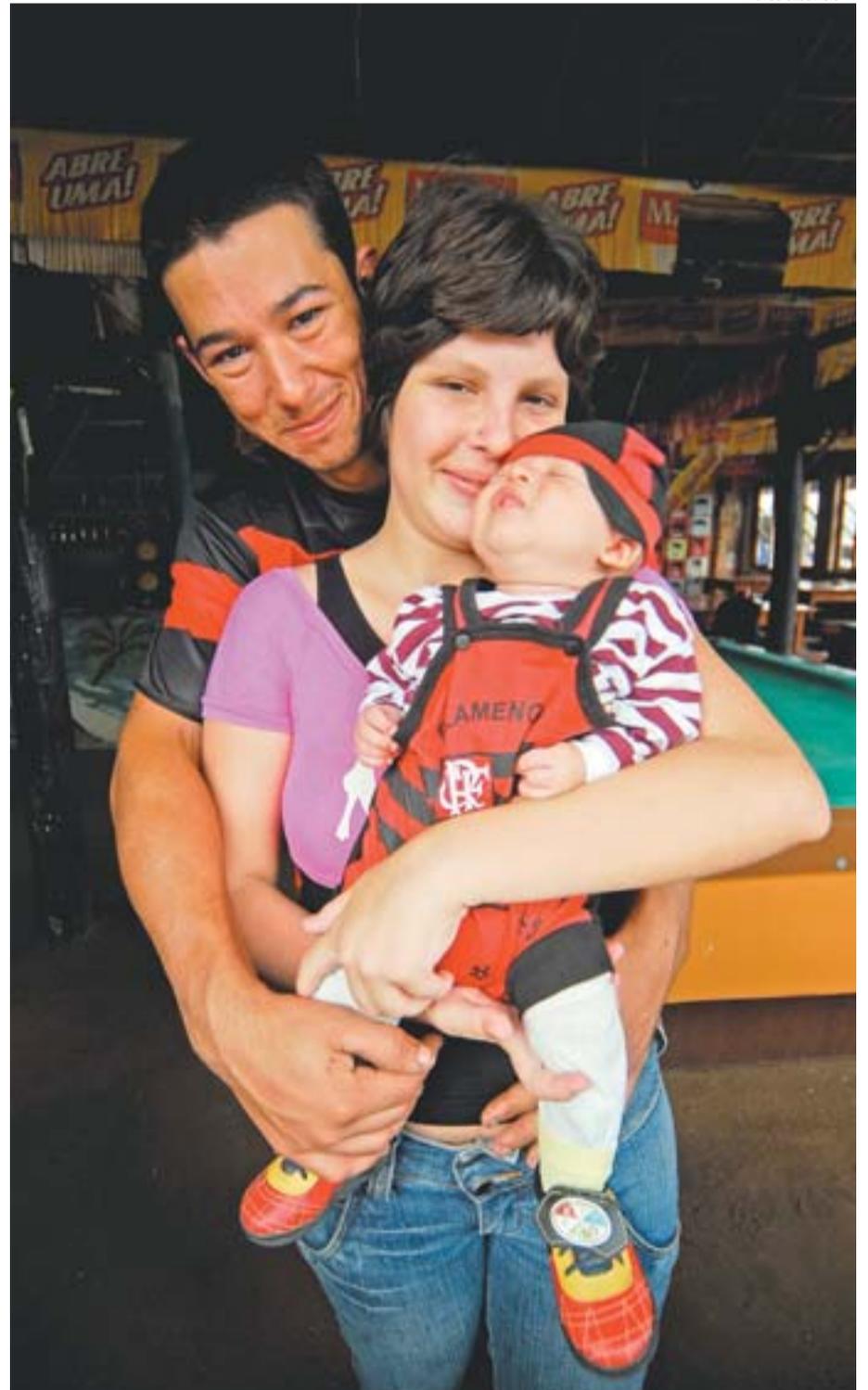
Classificação
 Ótimo
 Bom
 Regular
 Ruim
 Péssimo



BAIRRO	INDICADOR %	TOTAL DE ADOLESCENTES RESIDENTES	ADOLESCENTES QUE TIVERAM FILHOS NASCIDOS VIVOS EM 2008	POPULAÇÃO ESTIMADA
Anita Garibaldi	0,00	405	0	7.952
Atiradores	0,00	249	0	5.049
Dona Francisca	0,00	62	0	1.216
Glória	0,00	407	0	8.432
Zona Industrial Norte	0,00	132	0	2.334
Zona Industrial Tupy	0,00	3	0	57
Santo Antônio	0,35	286	1	5.443
América	0,36	549	2	10.810
Centro	0,40	253	1	5.133
Floresta	0,41	974	4	18.221
Pirabeiraba Centro	0,51	198	1	4.479
Bom Retiro	0,51	585	3	10.810
São Marcos	0,71	140	1	2.592
Bucarein	0,75	268	2	5.583
Profipo	1,01	395	4	5.971
Saguaçu	1,08	558	6	10.900
Costa e Silva	1,15	1.397	16	25.321
Iriú	1,16	1.382	16	23.883
João Costa	1,25	640	8	10.945
Petrópolis	1,31	338	11	13.764
Boa Vista	1,37	1.019	14	17.630
Guanabara	1,46	548	8	9.513
Fátima	1,56	963	15	14.717
Itaum	1,62	742	12	12.368
Comasa	1,63	1.351	22	20.777
Boehmerwald	1,84	868	16	14.169
Espinheiros	2,05	587	11	8.154
Aventureiro	2,05	2.097	43	34.917
Jardim Sofia	2,16	232	5	4.153
Parque Guarani	2,17	599	13	10.317
Santa Catarina	2,21	363	8	6.875
Nova Brasília	2,32	732	17	12.010
Morro do Meio	2,54	591	15	9.608
Jardim Iriú	2,62	1.372	36	21.680
Vila Nova	2,67	1.124	30	19.824
Adhemar Garcia	2,76	689	19	10.411
Jarivatuba	2,84	704	20	11.332
Ulysses Guimarães	2,95	339	10	6.940
Rio Bonito	3,18	283	9	4.946
Itinga	3,31	422	14	6.835
Paranaguamirim	4,46	1.369	61	14.901
Paranaguamirim II	*	*	*	8.468
Jardim Paraíso	4,58	982	45	15.665
Vila Cubatão	4,60	87	4	1.282
Joinville (zona urbana)	1,89	27.732	523	476.387

FONTE: SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE (SINASC), 2008; IPPUJ, 2008.

* OS VALORES DO BAIRRO PARANAGUAMIRIM II FORAM SOMADOS AOS DO BAIRRO PARANAGUAMIRIM.



Priscila, 17 anos e o marido Douglas estão curtindo o filho Nicholas

Educação: uma aposta certa

As escolas devem falar sobre sexo com crianças e adolescentes? A questão pode até levantar polêmicas, mas se mostra um diferencial na redução dos números de adolescentes grávidas em Joinville. Os bairros Comasa e Espinheiros são dois dos exemplos mais claros. Em 2000, o percentual de mães entre 12 e 17 anos era de 3,79% e 4,7%. Em 2008, baixou para 1,63% e 2,05%, respectivamente. “Por volta de 2004, percebemos que os números dessas regiões eram bastante altos. Foi aí que decidimos investir na educação”, explica a supervisora dos programas de prevenção da secretaria da Educação, Mercia Piazero.

O Núcleo de Prevenção à Gravidez na Adolescência (Nupega) surgiu como uma proposta ao Instituto Amar em parceria com o poder público. A ideia era levar informações sobre sexualidade aos estudantes. As atividades começaram em 2003, um ano em que três meninas foram mães aos nove anos. “Houve uma preocupação muito grande a partir desse instante. Procuramos as secretarias de Educação e Saúde para ajudar no projeto e começamos a fazer o trabalho de palestras e esclarecimentos”, diz a presidente do Instituto Amar, Jandira Colussi Riva.

Nos bairros Espinheiros e Comasa o trabalho foi mais intenso porque os índices se mostraram maiores. Equipes dos Programas de Saúde da Família se envolveram. Médicos, enfermeiros e educadores participaram de uma verdadeira força tarefa com o objetivo de informar os adolescentes sobre gravidez, doenças sexualmente transmissíveis e sexualidade. Os resultados foram positivos. “A redução foi visível mesmo, mas porque todo mundo se envolveu”, explica a supervisora.

Em 2009, o Nupega foi desativado para passar por algumas reformulações, mas a secretaria da Educação continuou com uma iniciativa própria: o Projeto de Prevenção à Gravidez. “Este ano, só tivemos 14 adolescentes grávidas nas escolas onde trabalhamos e todas entre 15 e 16 anos. Para nós, já é um dado positivo”, comemora Mercia.



Ana Carolina (E), 14 anos, está grávida de quatro meses. Ela mora na casa dos pais, junto com os sete irmãos

O primeiro filho virá no mês das mães

Ana Carolina Farias está tímida e só consegue concentrar os pequeninos olhos verdes nos próprios pés. Permanece imóvel, esperando perguntas para as quais, muitas vezes, sequer tem resposta. Aos 14 anos, ela carrega no ventre um bebê de quatro meses. Essa semana estava marcada a primeira consulta do pré-natal, “para ver se as coisas vão bem”. O primeiro filho deve nascer em maio, o mês das mães.

A gravidez aconteceu por acidente. Ela até queria ter um filho, mas depois de terminar os estudos e de conseguir o tão sonhado emprego “em uma firma”. O pai, dois anos mais velho, não vai assumir a criança. Para cuidar da gravidez, Ana Carolina saiu da escola, mas ainda tem esperança de voltar.

A jovem mora no Jardim Paraíso e divide um imóvel de três cômodos com os pais e sete irmãos, entre dois e 20 anos. A mãe gerou a primeira criança aos 17. A irmã mais velha, Juliana, também teve um filho na adolescência. As mais novas buscam um caminho diferente, participando de um projeto social que trabalha questões de educação e afetividade. A família vive há meses sem energia elétrica e se mantém com uma renda

de pouco mais de R\$ 500, mais R\$ 60 do programa Bolsa Família.

Nas estatísticas, Ana Carolina integra os indicadores da gravidez precoce. O tema é polêmico e envolve amplas discussões. Os números apontam uma correlação direta com a vulnerabilidade social, mas esse não pode ser o único parâmetro de análise. Isso porque, muitas vezes, é a própria mulher quem escolhe ser mãe cedo.

Não há como ignorar que a história de Ana Carolina é idêntica a de muitas jovens que crescem nas mesmas condições de vida. Apesar disso, estabelecer uma relação entre pobreza e gestação precoce não é tão simples assim. “Nós precisamos discutir se essas pessoas estão tendo a oportunidade de entender o que uma gravidez significa. Porque há um tempo, na época dos nossos avós, era perfeitamente normal gerar um filho aos 15, 16 anos”, reflete Thais Gava, psicóloga da Eccos, Organização não-governamental especializada em comunicação e sexualidade.

Em Joinville, 523 jovens geraram filhos precocemente em 2008. Ao lado da Vila Cubatão, com 4,6% de mães grávidas na adolescência, o Jardim Paraíso é o que apresenta os índices

mais altos com 4,58%. As duas são regiões com baixa renda per capita. Além disso, a maior parte da população está concentrada na faixa etária dos zero aos 20 anos. Outra característica comum é que as duas regiões estão muito próximas geograficamente, no extremo Norte da cidade, distantes do Centro e, muitas vezes, de infraestrutura básica.

Segundo Thais, é preciso que se tome cuidado para não adjetivar a gravidez na adolescência como um indicador negativo ou como um mal que precisa ser abolido. “Não se trata de uma doença, mas de algo que pode ser evitado com informação. Também precisamos entender se essas pessoas querem ou não ser pais jovens e porque isso acontece”, pondera.

Outra preocupação, de acordo com a psicóloga, é evitar estabelecer relações entre gravidez na adolescência e outros indicadores negativos, como evasão escolar ou mortalidade infantil. Ela desconhece pesquisas que comprovem que uma coisa leve a outra. “É preciso muita cautela ao se falar sobre esses dados. A adolescente pode não ser considerada apta a ser mãe pela sociedade, mas isso nem sempre significa que ela não está apta de fato.”

Pré-natal insuficiente

BAIRRO	INDICADOR %	TOTAL DE NASCIDOS VIVOS	NASCIDOS VIVOS DE MÃES COM MENOS DE SETE CONSULTAS NO PRÉ NATAL
Ulysses Guimarães	44,86	107	48
Vila Cubatão	42,42	33	14
Jarivatuba	40,08	247	99
Zona Industrial Norte	40,00	5	2
Jardim Iriú	37,22	309	115
Paranaquimir	36,93	547	202
Adhemar Garcia	35,64	188	67
Total Joinville	27,39	7.258	1.988

Curetagem pós-aborto

BAIRRO	CURETAGEM PÓS-ABORTO EM ADOLESCENTES
Paranaquimir	6
Jardim Paraíso	3
Iriú	3
Aventureiro	3
Comasa	2
Fátima	2
Itaum	2
Itinga	2
Total Joinville	38

Bebês com baixo peso ao nascer

BAIRRO	INDICADOR %	TOTAL DE NASCIDOS VIVOS	NASCIDOS VIVOS COM PESO INFERIOR A 2,5 KG
Guanabara	10,53	152	16
Ulysses Guimarães	10,28	107	11
Espinheiros	10,14	148	15
Comasa	9,71	278	27
Centro	9,43	53	5
Iriú	9,40	351	33
Aventureiro	9,25	530	49
Total Joinville	7,54	7.258	547